

ISSN 2446-6891

A Ordem

Número 1
Volume 101
2017



Centro Dom Vital

A Ordem

Revista do Centro Dom Vital



Centro Dom Vital

© 2019 by Centro Dom Vital

Rio de Janeiro - RJ

ISSN 2446-6891

1ª edição
Novembro de 2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou quaisquer outros sem autorização prévia dos autores.



Centro Dom Vital

Site: www.centrodomvital.com.br

Facebook: www.facebook.com/centrodomvital

Twitter: www.twitter.com/CentroDomVital

E-mail: comunicacao@centrodomvital.com.br

A ORDEM (NOVA SÉRIE)
ANO XCVI – VOLUME 101 – NÚMERO 1 -
2017

EXPEDIENTE

EDITOR: Jefferson dos Santos Alves

CONSELHO EDITORIAL: Alfredo Garcia Quesada (Pontificia
Universidad Católica del Perú – Peru)
Alino Lorenzon (UFRJ)
Anna Maria Moog (UCP)
Armando Rigobello (Università di Roma – Italia) †
Gianfranco Longo (Università di Bari – Itália)
Guilherme Domingues da Motta (UCP)
Maria Inês Bolinhas (Universidade Católica
Portuguesa – Portugal)
Sergio de Souza Salles (UCP)
Thiago Leite Cabrera Pereira da Rosa (UCP)

CENTRO DOM VITAL

PRESIDENTE

Carlos Frederico C. da Silveira

VICE-PRESIDENTES

Gustavo Miguez de Mello
Jerônimo Moscardo

DIRETORES

Ana Maria Soares Blum
Jefferson dos Santos Alves
Maria Christina Sá
Paulo Otávio B. Gravina
Thiago Cabrera
Yuri Ramos Ferreira



Centro Dom Vital

ÍNDICE

Editorial.....	8
Saudação a Nossa Senhora de Fátima Gladstone Chaves de Melo.....	10
Homilia do Centenário da Aparição de Fátima D. Orani João Tempesta O. Cist.	15
A influência da Bíblia na alfabetização das mulheres medievais Mihai Dragnea.....	22
<i>Morte mais não há e nenhum homem é uma Ilha</i> : duas tradu- ções de John Donne Paulo Otávio Barreiros Gravina.....	27



Centro Dom Vital

Editorial

O **Centro Dom Vital** apresenta o primeiro número do volume 101 da Revista *A Ordem* correspondente ao ano de 2017. Por ser tratar do ano do centenário da aparição de Nossa Senhora em Fátima, iniciamos com a republicação do discurso de Gladstone Chaves de Melo, intitulado *Saudação a Nossa Senhora de Fátima*, pronunciado na Câmara de Vereadores do Distrito Federal (Rio de Janeiro) em 1953. Em seguida apresentamos a transcrição da *Homília do Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Orani João Tempesta*, proferida em 13 de maio de 2017 no Santuário de Nossa Senhora de Fátima do Rio de Janeiro durante missa solene do centenário da aparição. No terceiro artigo deste número,

intitulado *A influência da Bíblia na alfabetização das mulheres medievais*, o medievalista Mihai Dragnea mostra como a representação iconográfica de Santa Ana ensinando a Virgem Maria desempenhou um papel importante no fomento à alfabetização sistemática das crianças na idade média. Encerramos este número com duas traduções comentadas do poeta inglês John Donne feitas por Paulo Otávio Barreiros Gravina no artigo *Morte mais não há e nenhum homem é uma Ilha: duas traduções de John Donne*.



Saudação a Nossa Senhora de Fátima¹

Gladstone Chaves de Melo²

Resumo: Discurso proferido por Gladstone Chaves de Melo na Câmara de Vereadores do Distrito Federal (Rio de Janeiro) em 1953 durante a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima. O autor apresenta Maria como modelo de serviço a ser seguido pelos políticos.

Palavras-chave: Gladstone Chaves de Melo; Catolicismo; Nossa Senhora de Fátima.

Abstract: Speech given by Gladstone Chaves de Melo to the Municipal Chamber of the Federal District (Rio de Janeiro) in 1953 during the visit of the pilgrim image of Our Lady of Fatima. The author presents Maria as a model of service to be followed by politicians.

Keywords: Gladstone Chaves de Melo; Catholicism; Our Lady of Fatima.

Desde doze de maio empolga a cidade um entusiástico movimento religioso, desencadeado e mantido inalterável pela visita e peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Fátima. São multidões que, sem desfalecimento e sem medir fadigas, desfilam dia e noite, nos subúrbios e nos bairros, no centro e nos arrabaldes, cantando loas a Maria, que há trinta e seis anos, numa aldeia portuguesa, apareceu a três pastorinhos.

¹ Artigo publicado originalmente na revista *A Ordem*, v. 50, n. 2, 1953. Trata-se de discurso proferido pelo autor na Câmara de Vereadores do Distrito Federal em virtude da presença da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que esteve na cidade do Rio de Janeiro em 1953.

² Bacharel em Direito, Doutor e Livre-Docente em Língua Portuguesa pela Universidade do Brasil (atual UFRJ). Foi professor universitário, político, filólogo, linguista e membro do Centro Dom Vital.

Este fenômeno estranho não pode deixar de impressionar a quem quer que o examine ou contemple sem espírito preconcebido. Como explica-lo?

Duas perspectivas se nos abrem ao olhar da inteligência: uma perspectiva racionalista e uma perspectiva de fé, história profana e história religiosa.

A primeira indagação que nos afronta o espírito é saber quem foi esta cuja imagem eletriza as turbas, faz vibrar os indiferentes e comove os ateus, vinte séculos depois da vida terrestre da pessoa representada. Terá sido, senhores, uma dessas mulheres famosas pela beleza, grandes pelo poder, temidas pela crueldade ou singulares por algum patético rasgo de heroísmo? Alguma Helena, Cleópatra, Lucrecia Bórgia, Vitória ou Cornélia? Não, senhores! Foi uma pobre moça, obscura, desconhecida, apagada, velada, filha de pais humildes e desposada com um rude carpinteiro, uma pobre moça, uma donzela desvalida, tão desvalida que, indo a Belém acudir ao apelo do poderoso César Augusto, imperador e censurador da orgulhosa Roma, não encontrou estalagem que a albergasse e teve de dar à luz o fruto de seu ventre num imundo fojo de animais.

Porém, essa pobre e obscura mulher ficou imortal, foi amada e venerada através dos séculos, celebrada em todas as línguas, magnificada por todas as raças, invocada por todas as nações, pintada, esculpida e cantada pelos artistas e poetas de todas as escolas. Como explicar o fato?

O historiador incréu, mas inteligente e probo, será obrigado a confessar que está ante o inexplicável, que se acha diante de um enigma que sua sagacidade não decifra.

Visto, no entanto, o fenômeno à luz da história de Deus, à luz da fé, da fé verdadeira, virtude da inteligência e não cegueira de coração confiante, à luz da fé desmancha-se o enigma e tudo se explica. Maria, a donzela de Nazaré, apesar da sua obscuridade, da sua pequenez, da sua humildade, ou talvez, misteriosamente, por isso mesmo, foi escolhida para ser Mãe do Verbo Incarnado, do Logos, da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, do Emanuel anunciado pelo profeta. A desconhecida de Nazaré se tornou mulher única na história do universo, foi ela a “almah” de Isaías, a virgem-mãe, a agraciada com o privilégio altíssimo de ser mãe de Deus, Theotócos, como solenemente reafirmou há 15 séculos S. Cirilo de Alexandria.

“Ave, gratia plena, disse-lhe o mensageiro divino, Gabriel, Dominus tecum, ...invenisti enim gratiam apud Deum” (Luc., I, 28, 29).

Nunca pudera esperar semelhante mensagem a humilde, a pequena, a obscura virgem de Nazaré, cujo ousado anseio era poder ser um dia criada de servir daquela que fosse eleita por mãe do Salvador, prestes já a aparecer no mundo segundo a cronologia dos profetas, seus familiares na leitura e na meditação.

Constrangida a aceitar o esmagado encargo, a Virgem, longe de envaidecer-se, abaixou-se, apagou-se, sumiu-se: “Eis aqui

a serva do Senhor; faça-se em mim segunda a tua palavra” (Luc., I, 38).

Pouco tempo depois, indo às montanhas para servir sua prima Isabel, que estava grávida do Precursor, Maria, movida pelo Espírito de Deus, profetizou sua glória futura e eterna: “todas as gerações me chamarão bem-aventurada” – “beatam me dicent omnes generationes” (Luc., I, 48) – Bem-aventurada a serva, gloriosa a escrava, bendita a que soube servir.

Servindo, servindo sempre é que aparece Maria no Evangelho: servindo na Anunciação, servindo na Visitação, servindo em Caná, servindo na Paixão, servindo na Crucificação.

Senhores Vereadores: não é possível que a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima a esta casa seja apenas um acontecimento social, menos ainda um acontecimento mundano. Para que ela não seja inútil, temos de tirar dela uma lição, colher um exemplo, fortalecer uma resolução: nós só poderemos tornar-nos grandes e respeitados se soubermos servir, servir o bem-comum, servir os altos e verdadeiros interesses do povo, servir a cidade, servir esquecendo-nos, servir como escravos do bem público, e nunca jamais servir-nos da posição delegada, servir-nos da posição de servos para lograr vantagens pessoais.

Senhora de Fátima! Que palavras pode usar para saudarte em nome da Câmara do Distrito Federal este teu pobre filho que até hoje, graças a Deus, nunca passou um dia de sua vida sem te louvar, que palavras, Mãe de misericórdia, Mãe da esperança, Mãe

Saudação a Nossa Senhora de Fátima

da graça, Mãe da verdadeira alegria, que palavras senão aquelas que o Espírito Santo pôs na boca de seus nuncios e que a Igreja te dirige ao celebrar a festa de tua Conceição Imaculada: “Ave, Maria, cheia de graça: o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres. És a glória de Jerusalém, o orgulho de Israel e a grande alegria do nosso povo” (Luc., I, 28, 42, Judit. XV, 10).

Homilia do Centenário da Aparição de Fátima¹

D. Orani João Tempesta, O.Cist.
Cardeal Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro

Resumo: Homília de D. Orani João Tempesta, Cardeal Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, realizada no Santuário de Nossa Senhora de Fátima do Rio de Janeiro durante missa solene do centenário da aparição de Nossa Senhora em Fátima realizada em 13 de maio de 2017.

Palavras-chave: Nossa Senhora de Fátima, aparições marianas, Igreja Católica.

Abstract: Homily by D. Orani João Tempesta, Cardinal Archbishop of São Sebastião do Rio de Janeiro, held at the Sanctuary of Our Lady of Fatima of Rio de Janeiro during a solemn mass of the centenary of the apparition of Our Lady in Fatima held on May 13, 2017.

Keywords: Our Lady of Fátima, Marian apparition, Catholic Church.

A celebração do centenário da primeira aparição em Fátima contou com a presença do Papa Francisco, que desde ontem participou da oração e da procissão das velas e hoje canonizou os dois pastorzinhos. Ele é o quarto pontífice que visita Fátima. Ao mesmo tempo, meus irmãos e irmãs, nós estamos aqui no Rio de Janeiro em uma réplica da Capela das

¹ Leituras da missa: Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab; Sl 44 (45), 11-12.14-15.16-17; Rm 5, 12.17-19; Jo 19 25-27. Transcrição e adaptação de Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos. Publicamos com a permissão de D. Orani João Tempesta.

Aparições. Eu recordo que em Fátima se fala que sua grande vocação é ser o altar do mundo, onde as grandes preocupações mundiais são colocadas e a intercessão de Maria é clamada. Na revelação particular àquelas três crianças, Maria falou sobre a situação política, econômica e religiosa da época e convidou à conversão e à mudança de vida — convite comprovado com a canonização de duas das três crianças que tiveram essa experiência há cem anos.

Eu queria, neste dia de hoje, colocar para todos nós uma questão muito importante, já que estamos às vésperas do Dia das Mães aqui no Brasil. Eu disse na Quinta-Feira Santa, na Catedral do Rio de Janeiro, que a nossa cidade necessita de paternidade, de pais. Hoje, a palavra de Deus nos fala da maternidade. O Senhor nos deu a sua Mãe como nossa Mãe. Nesse aspecto, diante dos acontecimentos que vemos no mundo, no país e na cidade, diante também do discernimento dos bispos do Regional Leste 1, que viram a importância de apelar para a Mãe na oração do Rosário pela paz nas nossas cidades, a palavra de hoje do Evangelho é fundamental para que neste altar – réplica do Altar do Mundo – reconheçamos a importância de termos uma Mãe preocupada com seus filhos. Nas várias revelações particulares, que acontecem de diversas formas, como em Aparecida, em Guadalupe, em Lourdes e em Fátima, sempre há a preocupação da Mãe com seus filhos. Em Aparecida, a preocupação é com a unidade do povo, quebrado em tantos pedaços devido à exclusão pela cor; em Guadalupe, é com a evangeliza-

ção dos povos, com os indígenas que estavam chegando ao cristianismo. Em Lourdes, por sua vez, a atenção é com os doentes. Já em Fátima, a Mãe se preocupa com um mundo novo de paz e de conversão, através da mudança dos cristãos vivendo a sua fé no seguimento de Jesus Cristo. Portanto, eu creio que Jesus no alto da cruz, através de João, ao nos dar Maria como nossa Mãe, estava nos dizendo a preocupação da Mãe para com seus filhos.

Nas Bodas de Caná, Maria nos fala que para mudar da água para o vinho, ou seja, para transformar uma situação, deve-se fazer o que Jesus Cristo ensina e manda. Em outras palavras, ela tem nos falado para ouvirmos o seu filho e para andarmos pelos seus caminhos. Portanto, nós temos a Mãe preocupada com os filhos, que tem se manifestado e anunciado Jesus Cristo.

Na segunda leitura de hoje, nós ouvimos, com muita clareza, que por um homem veio a vida e a salvação, Jesus Cristo, nosso Senhor, e que por um homem veio o pecado, o velho Adão. Pela obediência de um só, toda a humanidade passará por uma situação de justiça. Já Maria nos apresenta, como Mãe, a redenção que trouxe gerando no seu ventre, o filho de Deus, o Verbo Eterno. Assim, ela pede para que escutemos Aquele que nos salvou, que cumpriu a sua missão na cruz e na ressurreição e nos chama para uma nova vida.

A Mãe tem seus meios de aparecer de maneira gloriosa, como recorda o Apocalipse: “apareceu no céu um grande sinal”. Em Fátima, apareceu um sinal em cima da azinheira, branco e resplandecente. A Igreja também vem do alto com a missão de gerar novos homens e mulheres, apesar das tentações ao redor. Por isso, ao falarmos da Mãe Maria, nós também falamos da Mãe Igreja. Nesse sentido, meus irmãos e irmãs, de um lado nós somos chamados a acolher a preocupação da Mãe, a ouvir o seu Filho e a andar pelos caminhos que Ele nos mostra; do outro lado, nós somos a Igreja com a responsabilidade materna na sociedade de ver os dragões que tentam não deixar nascer a nova humanidade. Além disso, ela traz a importância de mudar a antiga Eva desobediente para a nova Eva, e, ao mesmo tempo, um novo Adão, agora em Jesus Cristo nosso Senhor, na obediência ao Senhor, para podermos, em Cristo, encontrarmos a nossa redenção e a nossa vida.

Deste modo, ao recebermos Maria como nossa Mãe e escutarmos a sua palavra, nós somos chamados também a viver essa caminhada entre antiga Eva, nova Eva, entre antigo Adão, novo Adão e, ao mesmo tempo, ver esses sinais maravilhosos que acontecem no céu das nossas vidas. Tais sinais repercutem pelo mundo sem que seja necessário fazer muita força para que esses anúncios maternos de Maria cheguem até os confins do mundo.

Enquanto de um lado somos chamados a acolher, do outro lado, como Igreja Mãe, somos chamados a sentir com o povo as necessidades, os problemas que a nossa população passa hoje, tanto na questão do emprego, do desemprego, do salário, como também da violência, das dificuldades, da divisão entre nós. Temos um povo dividido por ideologias e partidos e que não é capaz de viver como irmãos e irmãs que se ajudam mutuamente e que caminham juntos; um quer que o outro desapareça. Assim, nós vemos mais do que nunca, ao escutarmos e acolhermos as palavras da Mãe e as suas revelações particulares que nos remetem a Jesus Cristo, o novo Adão, Aquele que é obediente à vontade do Pai. Enquanto Igreja, somos chamados a manifestar essa maternidade, estarmos com as pessoas e compartilharmos com as pessoas tanto dentro e como fora da Igreja as suas necessidades e seus problemas e, ao mesmo tempo, termos atitudes concretas para que essa nova humanidade aconteça.

Devido à tantas leis ou decisões executivas ou judiciais, pode parecer que houve um grande retrocesso nos valores cristãos e humanos, no valor da vida e da família. Porém, na realidade, uma nova humanidade vai nascendo quanto mais nos tornamos obedientes à vontade do Pai, como Jesus e, ainda, como Maria nos indica para fazermos o que Ele nos manda e quer que nós façamos.

De um lado, como eu disse na Quinta-feira Santa, a cidade necessita da presença paterna da Igreja (lembrava com isto a missão dos sacerdotes), e escutar a Mãe Maria, que em Fátima chamou a atenção sobre toda ideologia que nascia naquele momento da história, sobre as guerras e suas consequências na humanidade, sobre a necessidade de conversão, de fugir do inferno, de mudança de vida e da oração do rosário. Por outro lado, ao ter a Mãe de Jesus como nossa Mãe, somos chamados também a viver como tendo esta maternidade enquanto Igreja na sociedade.

Os homens de hoje, nossos vizinhos, as pessoas ao nosso redor, as nossas famílias, necessitam perceber que a Igreja é Mãe presente junto às pessoas. Além de compartilhar e ter atitudes concretas, nós, enquanto Igreja, devemos ver que é possível ajudar as pessoas a obedecerem a Jesus, a escutarem Sua voz e a colocá-la em prática. Por isso, nesta palavra de hoje, o Senhor nos dá a sua Mãe como nossa Mãe, que aponta para Jesus Cristo, o obediente até a morte e nosso salvador.

“Apareceu um grande sinal no céu / uma mulher vestida do sol”. Precisamos lembrar essa missão de Maria e da Igreja e escutar a Mãe Maria, que nas revelações particulares nos chama a conversão, a escutarmos o evangelho, a seguirmos o seu filho Jesus: essa é a grande missão de Maria. Como Igreja Mãe, estamos presentes e juntos às pessoas, para que sintam realmente que não estão sozinhas neste mundo de confusões,

complicações e as mais variadas dificuldades. Que nós, diante da necessidade de tempos novos, de unidade e de paz, saibamos de novo escutar e acolher Maria como Mãe e exercermos também enquanto Igreja essa missão materna em nossa sociedade que tanto a necessita. Assim, o mundo irá crer em Jesus Cristo, conforme o desejo de Maria, e encontrar Nele a vida, com a esperança e confiança de tempos novos. Aquele que com sua obediência morreu na cruz, deu a vida por todos nós e nos salvou nos indica, assim, que nosso caminho é o caminho da obediência à vontade de Deus e o caminho de escutar e colocar em prática a Sua palavra. Que Nossa Senhora de Fátima e os dois pastorzinhos que foram canonizados hoje — São Francisco e Santa Jacinta — intercedam por nós. Amém.

A influência da Bíblia na alfabetização das mulheres medievais¹

Mihai Dragnea²

Associação de História dos Bálcãs

Resumo: O presente artigo visa demonstrar que a representação iconográfica de Santa Ana ensinando a Virgem Maria desempenhou um papel importante no fomento à alfabetização sistemática das crianças na idade média, sobretudo as meninas, o que possibilitou a transição da educação baseada na imagem visual para uma educação literária baseada na alfabetização.

Palavras-chave: Idade Média, alfabetização, iconografia mariana.

Abstract: This article aims to demonstrate that the iconographic representation of Santa Ana teaching the Virgin Mary played an important role in promoting the systematic literacy of children in the middle ages, especially girls, which made possible the transition from visual image education to literary education based on literacy.

Keywords: Middle Ages, literacy, Marian iconography.

¹ Artigo originalmente publicado no site www.medievalists.net em 14 de julho de 2014 com o título *The influence of the Bible on Medieval Women's Literacy*. A publicação na revista *A Ordem* foi autorizada pelo autor. Texto traduzido por Bruno Valadão.

² Doutor em Estudos Medievais pelo Instituto de História Nicolae Iorga (*Academia Română*), mestre em Estudos Medievais e bacharel em História pela Universidade de Bucareste. Presidente da Associação de História dos Bálcãs. E-mail: terra_mater_2007@yahoo.com.



A imagem de Santa Ana ensinando a Virgem Maria a ler nos remete a cultura feminina da tradição cristã medieval, quando as mães tinham a missão de educar suas filhas. Provavelmente essa imagem religiosa influenciou a sociedade medieval tardia, pois o papel das mães na educação infantil era essencial. Através da imagem bíblica de Santa Ana ensinando a Virgem Maria a ler nasceu a perspectiva moderna de inclusão das mulheres na vida intelectual com a ajuda da literatura.

Nas pregações bizantinas do período dos séculos VIII a X, a Virgem Maria é descrita como Atenas, a deusa da guerra e da sabedoria no panteão grego. No século XIII, o bispo dominicano Alberto Magno alegou que a Virgem Maria era uma mestre das sete artes liberais (gramática, dialética, retórica, geometria, aritmética, astronomia e música). Nas representações iconográficas da Anunciação do período medieval, o carretel que a Virgem Maria segura na mão é substituído por um livro. Em algumas representações, o livro está aberto em Isaías, onde

podemos ler a profecia do nascimento de Jesus Cristo: “Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que uma virgem ficará grávida e dará à luz um filho; chamará o seu nome Emanuel” (Isaías 7,14). A idéia de que na véspera da Anunciação a Virgem Maria tinha lido este texto de Isaías foi espalhada pelo monge Nicholas Love (século 15), que traduziu para o inglês a obra medieval de Pseudo-Boaventura, *Meditationes Vitae Christi*, escrito um pouco antes.

Na sociedade medieval, a alfabetização de crianças ocorria nos mosteiros. Essa ideia vem da sociedade judaica, onde a alfabetização de crianças ocorria no templo. Como exemplo, temos a representação da Virgem Maria da Catedral de Notre-Dame de Chartres (século XIII), na qual ela está na frente de um professor com outros alunos.

Santa Ana é representada em iconografia pela primeira vez no ano 650 na parede oeste do santuário da igreja romana *Santa Maria Antiqua*. A imagem da Virgem Maria com sua mãe Ana como professora aparece pela primeira vez no século XIV na Inglaterra. Podemos encontrar essa cena em afrescos de igrejas, vitrais, esculturas e iluminuras. No vitral da catedral italiana de Orvieto (século XIV) podemos encontrar uma visão geral das representações marianas, entre as quais está Ana ensinando Maria no templo. São raras as representações com o livro faltando.

A imagem de Maria recebendo instruções de sua mãe nos oferece a perspectiva de um especial simbolismo na arte

religiosa medieval. O teólogo e historiador de arte jesuíta alemão Joseph Braun acredita que o livro com passagens bíblicas é o principal objeto representado. Essas passagens referem-se à encarnação de Jesus e em algumas iconografias aparecem ao lado da Virgem Maria e sua mãe. Já na arte medieval tardia, Santa Ana simboliza a fertilidade familiar e feminina.

No século XIV, entre as iluminuras do *Bedford Hours*, há uma miniatura em que Santa Ana aparece segurando em seus braços a Virgem Maria. Na frente delas, em um suporte, há um livro de ensino e de joelhos, na frente do livro, está a duquesa de Bedford, Ana de Borgonha (1404-1432). A posição da duquesa rendida perante sua padroeira, Santa Ana, sugere que ela é a proprietária do manuscrito de Bedford. Aliás, o manuscrito foi um presente de casamento do duque de Bedford, João de Lencastre (1389-1435).



Bedford Hours

A partir do século XIV, a sociedade medieval experimentou um aumento na alfabetização da população. O medievalista Michael Clanchy acredita que os pais de todas as classes sociais tiveram que ensinar sua descendência a ler pelo menos um versículo da Bíblia. A miniatura do manuscrito de *Bedford Hours* é uma evidência da alfabetização das mulheres

medievais por meio da "líder espiritual" de todas as mulheres, a Virgem Maria.

A imagem da alfabetização da Virgem Maria será projetada na memória coletiva de todas as mães, tornando a educação doméstica das crianças uma das mais importantes obrigações parentais. O fato é compreensível, já que a mulher, por seu status de líder do espaço doméstico, era a única capaz de lidar com a educação e a escolarização das crianças. A educação doméstica das crianças é atestada no poema em inglês chamado "*How the good wife taught her daughter*", presente em muitos manuscritos dos séculos XIV e XV.

Por outro lado, a imagem de Santa Ana ensinando a Virgem Maria a ler encorajou a alfabetização sistemática das crianças medievais. Esse processo marcará a transição da educação baseada na imagem visual para uma educação literária baseada na alfabetização maciça de crianças na família. As mulheres seguiram o exemplo de Santa Ana e fizeram da educação das crianças em casa uma das suas principais tarefas.

Morte mais não há e nenhum homem é uma Ilha: duas traduções de John Donne

Paulo Otávio Barreiros Gravina¹

Resumo: Este artigo apresenta e analisa duas traduções do poeta inglês John Donne (1572-1631) que fazem parte da cultura ocidental.

Palavras-chave: John Donne; Literatura; Tradução.

Abstract: This article presents and studies two translations of the English poet John Donne (1572-1631) that are present in Western culture.

Keywords: John Donne, Literature, Translation.

Os dois famosos textos, aqui traduzidos, de John Donne, presentes em suas obras completas², já fazem parte da cultura ocidental. O último verso de seu soneto declarando a morte da morte e a frase afirmando que “nenhum homem é uma ilha” certamente já apareceram em algum momento em nossas vidas, o que é inclusive reforçado através do cinema e de outras obras literárias famosas. O poeta que é muitas vezes considerado metafísico ou simplesmente complexo tornou-se um ícone exatamente por sua excentricidade. Conforme afirma Otto Maria Carpeaux: “[...] Donne não é um poeta universal nem um poeta-grande homem; não é um Shakespeare nem um Milton. Não é o

¹ Graduado em Economia e Mestre em Literatura Brasileira na PUC-Rio. Membro da diretoria do Centro Dom Vital. E-mail: po_gravina@yahoo.com. Apresenta outras traduções em no site www.minhastraducoespoeticas.wordpress.com.

² COFFIN, Charles M. (ed.) *The Complete Poetry and Selected Prose of John Donne*. Nova York: The Modern Library, 2001.

maior poeta inglês; mas é o poeta inglês mais original, mais extraordinário. E isso é grande coisa.”³

Donne, portanto, não se traduz fácil. Se seguirmos a orientação de que toda uma cultura e toda uma personalidade estão sendo traduzidas juntamente com o seu texto, há certos traços que precisam ser mantidos no texto do autor, a começar por seus itálicos. As traduções presentes na internet tendem a ignorar completamente estes traços. Algumas metrificam em versos o trecho do poema meditativo em prosa na parte em que se afirma “nenhum homem é uma ilha”, normalmente selecionando a passagem que Ernest Hemingway incluiu como epígrafe de seu famoso romance “Por quem os sinos dobram” (título retirado diretamente da mesma passagem). Já o soneto, que é parte dos “sonetos sagrados” (ou “holy sonnets”) do autor, geralmente tem sua métrica, com variações bem específicas, diga-se de passagem, completamente ignorada em benefício do conteúdo do poema.

Uma exceção é a competente tradução de Paulo Vizioli, contida no livro “John Donne — O poeta do amor e da morte”, que foi consultada como apoio para as minhas traduções. Vizioli, no entanto, sobretudo no que diz respeito ao soneto, tende a normatizar o texto de Donne, traduzindo-o para decassílabos heroicos (com acento na sexta e na décima sílaba) e um sáfico (com acento na quarta, na oitava e na décima sílaba) e escapando exatamente dessa tamanha estranheza que o poeta transmite.

³ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. v. 2. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. p. 787.

John Donne apresenta-nos um soneto inglês, o chamado “soneto shakespeariano”, com a estrofe formada por três blocos de quatro versos e um de dois versos (ou 4-4-4-2), com um esquema de rimas na seguinte estrutura: a-b-b-a / a-b-b-a / c-d-d-c / a-a ou e-e⁴. Começa aí já a estranheza, pois o esquema de rimas, excetuando a penúltima estrofe e o dístico final, remete ao soneto italiano de Petrarca (a-b-b-a / a-b-b-a / c-d-c /d-c-d) e não ao de Shakespeare (a-b-a-b / b-c-b-c / c-d-c-d /e-e). Donne cria, portanto, uma mescla entre o soneto petrarquiano e o shakespeariano.

Há também estranheza na variação da prosódia métrica e rítmica. Shakespeare variava muito pouco seu famoso pentâmetro jâmbico, ou seja, cinco pés de jambo, o que corresponde a cinco marcações de um som átono ou fraco (-) e de um som tônico ou forte (/). O pentâmetro jâmbico resulta em dez sílabas, o que seria formalmente idêntico ao decassílabo, sendo que as formas mais consagradas desta métrica na língua portuguesa são exatamente as duas citadas acima – os decassílabos heroicos e sáficos – daí que elas sejam normalmente usadas para traduzir os sonetos shakespearianos, embora haja exceções, por exemplo, usando dodecassílabos.

⁴ Será considerado que, no inglês da Renascença mais antigo, existe uma rima entre “eternally” e “lie”, que não se manteve no inglês atual ou que Donne teria forçado esta rima nos dois últimos versos, o que também seria um fator causador de estranheza, ainda mais se considerando os conteúdos semânticos das palavras “eternamente” e “morrer”. Embora não se saiba exatamente essa pronúncia realmente existia no inglês antigo, as fontes consultadas admitem tal possibilidade sonora.

O problema é que há algo mais acontecendo nos versos de Donne. Escandindo o soneto em sílabas átonas e tônicas (e usando o traço | para separar os pés), nós temos:

Death be not proud, though some have called thee

/ - | - / | - / | - / | - / |

Mighty and dreadfull, for, thou art not soe,

/ - | - / | - / | - / | - / |

For, those, whom thou think'st, thou dost overthrow,

- / | - / | - / | - / | - / |

Die not, poore death, nor yet canst thou kill mee.

/ - | - / | - / | - / | - / |

From rest and sleepe, which but thy pictures bee,

- / | - / | - / | - / | - / |

Much pleasure, then from thee, much more must flow,

- / | - / | - / | - / | - / |

And soonest our best men with thee doe goe,

- / | - / | - / | - / | - / |

Rest of their bones, and soules deliverie.

/ - | - / | - / | - / | - / |

Thou art slave to Fate, Chance, kings, and desperate men,

- / | - / | / / | - / | - / |

And dost with poison, warre, and sicknesse dwell,

- / | - / | - / | - / | - / |

And poppie, or charmes can make us sleepe as well,

- / | - / | - / | - / | - / |

And better than thy stroake; why swell'st thou then?

- / | - / | - / | - / | - / |

One short sleepe past, wee wake eternally,

/ - | - / | - / | - / | - / |

And death shall be no more; death, thou shalt die.

- / | - / | - / | / - | - / |

Na transcrição do poema acima os negritos destacam as variações trocaicas ou espondaica, ou seja, uma sílaba tônica seguida de uma átona (/ -) ou duas tônicas (/ /), exatamente o inverso de um jambo (- /), no primeiro caso, e os itálicos e sublinhados destacam, respectivamente, os acentos secundários e as sílabas aglutinadas, que não serão aprofundados.

Observando as variações em negrito no poema seguindo a ideia de uma junção de forma e conteúdo, é possível observar que o ritmo do poema é quebrado quando o autor fala da morte (versos 1, 4 e 14), do poder (versos 2 e 9) e ainda em outro caso não claramente classificável mas que também trata diretamente da morte com outros termos (verso 13). É importante ressaltar que essas variações são frequentes e parecem intencionais. Segundo Paulo Henriques Britto, analisando o poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, o uso do troqueu no poema de Poe causa enorme estranheza e esta deveria ter sido ainda maior para os leitores da época, já que, conforme ele afirma, “em mais de 90% da poesia formal publicada em inglês antes do advento do verso livre, o pé

utilizado é o iambo (ou jambo), o exato oposto do troqueu.”⁵ Embora variações trocaicas fossem possíveis em autores tradicionais, normalmente no início de um verso, a constância e a presença dessas variações desde o primeiro verso de Donne revelam esse mesmo efeito de estranheza intencional.

A ideia na tradução, portanto, além de começar com uma sílaba tônica em “Morte”, e terminar o poema reproduzindo o mesmo efeito, foi usar uma forma bem próxima da tradicional, mas com uma pequena variação, pouco perceptível para um leigo, mas que cause esse mesmo efeito de estranheza ao ouvido. A métrica usada foi o endecassílabo, ou verso de onze sílabas, em vez do tradicional decassílabo, para o pentâmetro. O verso endecassílabo é usado com um acento na sexta sílaba, o que remete ao decassílabo heroico. Quando o endecassílabo possui o acento na quinta sílaba, conhecido como “arte maior”, considera-se que o efeito gerado é de doçura. Já quando se mescla um acento tradicional do decassílabo com uma métrica diferente, pouco maior, mas muito próxima, a estranheza vem à tona. Isto, ademais, sem grandes perdas em termos do esquema de rimas e do conteúdo do poema.

Por fim, em relação à famosa frase final, consagrou-se dizê-la em português como “morte morrerás”, o que demonstra algumas imprecisões. Em primeiro lugar, a forma “shall” refere-se ao futuro em geral quando se usa na primeira pessoa do singular ou do plural. “I shall not go” diz claramente “Eu não irei”. Já quando

⁵ POE, Edgar Allan. *O Corvo*. Trad. Fernando Pessoa e Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 36.

“shall” e sua segunda pessoa do singular no presente do indicativo “shalt” são usados na segunda e na terceira pessoas do singular ou do plural podem indicar várias coisas: uma ordem, uma promessa, uma obrigação, um pedido, um mandamento, um dever, uma ameaça ou algo inevitável. “He shall die” afirma muito mais “Ele deve morrer” do que “Ele morrerá”. A tradução prezou por esse sentido presente da morte que deve sim morrer após um breve sono que nos leva à eternidade sem fim.



Centro Dom Vital

Holy Sonnet

X

Death be not proud, though some have called thee
Mighty and dreadfull, for, thou art not soe,
For, those, whom thou think'st, thou dost overthrow,
Die not, poore death, nor yet canst thou kill mee.
From rest and sleepe, which but thy pictures bee,
Much pleasure, then from thee, much more must flow,
And soonest our best men with thee doe goe,
Rest of their bones, and soules deliverie.
Thou art slave to Fate, Chance, kings, and desperate men,
And dost with poison, warre, and sicknesse dwell,
And poppie, or charmes can make us sleepe as well,
And better than thy stroake; why swell'st thou then?
One short sleepe past, wee wake eternally,
And death shall be no more; death, thou shalt die.

Soneto Sagrado

X

Morte não te envaideças, chamam a ti
Poderosa e atroz, pois, tu não o és,
Pois, aos que pensas tê-los posto a teus pés
Não morrem, vã, nem podes matar a mim.
Do sono e do descanso, que são teus ícones,
Imenso prazer vem de ti, mais convéns,
E antes nossos melhores em teu revés
Descansam os seus ossos, e as almas vivem.
Serves o Fado, Acaso, reis, e os aflitos,
E com veneno, guerra, e doença duelas,
Também ópio ou encantos geram inércia,
E melhor que teu golpe; por que o brio?
Passado um breve sono, e não temos fim
E morte mais não há; morte, morres sim.

Nunc lento sonitu dicunt, Morieris.

Now, this Bell tolling softly for another, saies to me, Thou must die.

XVII. MEDITATION

Perchance hee for whom this *Bell* tolls, may be so ill, as that he knows not it tolls for him; And perchance I may thinke my selfe so much better than I am, as that they who are about mee, and see my state, may have caused it to toll for mee, and I know not that. The *Church* is *Catholike, universall*, so are all her *Actions*; All that she does, belongs to *all*. When she *baptizes a child*, that action concernes mee; for that child is thereby connected to that *Head* which is my *Head* too, and engrafted into that *body*, whereof I am a *member*. And when she *buries a Man*, that action concernes me: All *man-kinde* is of one *Author*, and is one *volume*; when one Man dies, one *Chapter* is not *torne* out of the *booke*, but *translated* into a better *language*; and every *Chapter* must be so *translated*; *God* employes several *translators*; some peeces are translated by *age*, some by *sickness*, some by *warre*, some by *justice*, but *Gods* hand is in every *translation*; and his hand shall binde up all our scattered leaves againe, for that *Librarie* where every *booke* shall lie open to one another:

Nunc lento sonitu dicunt, Morieris.

Agora, este Sino, dobrando suavemente por outro, diz a mim: Tu tens de morrer.

XVII. MEDITAÇÃO

Porventura aquele por quem este *Sino* dobra possa estar tão adocido, no que não sabe que dobra por ele; E porventura eu possa pensar de mim tão melhor do que estou, no que aqueles os quais estão à minha volta, e veem meu estado, possam tê-lo feito dobrar por mim, e eu não saiba disso. *A Igreja é Católica, universal*, também são todas as suas *Ações*; *Tudo* que ela faz pertence a *todos*. Quando ela *batiza uma criança*, essa ação concerne a mim; pois essa criança está assim conectada com essa *Cabeça* que é minha *Cabeça* também, e incrustada naquele *corpo*, do qual sou um *membro*. E quando ela *enterra um Homem*, essa ação concerne a mim: Toda a *humanidade* é de um *Autor*, e forma um *volume*; quando um Homem morre, um *Capítulo* é não *rasgado* fora do *livro*, mas *traduzido* para uma *língua* superior; e todo *Capítulo* tem de ser deste modo *traduzido*; *Deus* emprega diversos *tradutores*; alguns pedaços são traduzidos por *idade*, alguns por *doença*, alguns por *guerra*, alguns por *justiça*; mas a mão *de Deus* está em toda *tradução*; e sua mão deverá amarrar todas as nossas folhas dispersas novamente, para aquela *Livraria* onde todo *livro* deve estender-se aberto um na frente do outro:

As therefore the *Bell* that rings to a *Sermon*, calls not upon the *Preacher* onely, but upon the *Congregation* to come; so this *Bell* calls us all: but how much more mee, who am brought so neere the *doore* by this *sickness*. There was a *contention* as farre as a *suite*, (in which both *pietie* and *dignitie*, *religion*, and *estimation*, were mingled) which of the religious *Orders* should ring to *praiers* first in the *Morning*; and it was *determined*, that *they should ring first that rose earliest*. If we understand aright the *dignitie* of this *Bell* that tolls for our *evening prayer*, wee would bee glad to make it ours, by rising early, in that *application*, that it might be ours, as wel as his, whose indeed it is. The *Bell* doth toll for him that *thinkes* it doth; and though it *intermit* againe, yet from that *minute* that that occasion wrought upon him, hee is united to *God*. Who casts not up his *Eye* to the *Sunne* when it rises? but who takes off his *Eye* from a *Comet* when that breakes out? Who bends not his *eare* to any *bell*, which upon any occasion rings? but who can remove it from that *bell*, which is passing a *peece of himself* out of this *world*? No man is an *Iland*, intire of it selfe; every man is a *peece* of the *Continent*, a part of the *maine*; if a *Clod* bee washed away by the *Sea*, *Europe* is the lesse, as well as if a *Promontorie* were, as well as if a *Mannor* of thy *friends* or of *thine owne* were;

Como diante disso o *Sino* que toca para um *Sermão* faz chamado não ao *Pregador* unicamente, mas à *Congregação* a vir; pois esse *Sino* chama nós todos: mas quanto mais a mim, que sou trazido tão perto da *porta* por esta *doença*. Houve uma *contenda* tão séria quanto um *processo*, (no qual ambas *piiedade* e *dignidade, religião, e estima* estavam misturadas): a qual das *Ordens* religiosas cabe soar chamando para as preces primeiro de *Manhã*; e foi *determinado* que *cabe a eles que se levantaram mais cedo soar primeiro*. Se nós entendermos com correção a *dignidade* deste *Sino* que dobra para nossa *prece crepuscular*, nós estaríamos satisfeitos de torná-lo nosso, por levantarmos cedo, nessa *aplicação*, que ela possa ser nossa, bem como dele, de quem de fato é. O *Sino* deve dobrar para aquele que *imagina* que é por ele; e, embora *interrompa* novamente, já a partir desse *minuto* em que aquela ocasião suscitou nele, ele está unido a *Deus*. Quem não lança seu *Olho* ao *Sol* quando este se levanta? mas quem tira seu *Olho* de um *Cometa* quando aquilo irrompe? Quem não vira seu *ouvido* para qualquer *sino*, que em qualquer ocasião soa? mas quem pode retirá-lo daquele *sino*, o qual está lançando um *pedaço de si* fora deste *mundo*? Nenhum homem é uma *Ilha*, inteira em si, todo homem é um pedaço do *Continente*, uma parte do *centro*; seja uma *Leiva* lavada pelo *Mar*, a *Europa* torna-se menor, assim como se um *Promontório* fosse, assim como se um *Solar* dos teus *amigos* ou da *tua posse* fosse;

any mans *death* diminishes *me*, because I am involved in *Man-kinde*; And therefore never send to know for whom the *bell* tolls; It tolls for *thee*. Neither can we call this a *begging* of *Miserie* or a *borrowing* of *Miserie*, as though we were not miserable enough of our selves, but must fetch in more from the nest house, in taking upon us the *Miserie* of out *Neighbours*. Truly it were an excusable *covetousnesse* if wee did; for *affliction* is a *treasure*, and scarce any man hath *enough* of it. No man hath *affliction* enough that is not matured, and ripened by it, and made fit for *God* by that *affliction*. If a man carry *treasure* in *bullion*, or in a *wedge* of *gold*, and have none coined into *currant Monies*, his *treasure* will not defray him as he travells. *Tribulation* is *Treasure* in the *nature* of it, but it is not *currant money* in the *use* of it, except wee get nearer and nearer our *home*, *Heaven*, by it. Another man may be sicke too, and sick to *death*, and this *affliction* may lie in his *bowels*, as *gold* in a *Mine*, and be of no use to him; but this *bell*, that tells me of his *affliction*, digs out, and applies that *gold* to *mee*; if by this consideration of anothers danger, I take mine owne into contemplation, and so secure my selfe, by making my recourse to my *God*, who is our onely securitie.

a morte de qualquer homem *me* diminui, pois pertenço à *Humanidade*; E então não mandes nunca descobrir por quem dobra o *sino*; Dobra por *ti*. Nem podemos chamar isso de uma *mendicância* de *Miséria* ou de uma *cessão* de *Miséria*, como se nós não fôssemos miseráveis o suficiente por nós próprios, mas tivéssemos de galgar mais da casa ao lado, ao trazer sobre nós a *Miséria* de nossos *Vizinhos*. Verdadeiramente seria uma *cobiça* desculpável se o fizéssemos; pois *aflição* é um *tesouro*, e é raro qualquer homem que teve o *suficiente* disso. Nenhum homem teve *aflição* suficiente que não esteja amadurecido, e aprimorado por isso, e tornado adequado para *Deus* por aquela *aflição*. Se um homem carregar *tesouro* em *lingote*, ou em uma *cunha* de *ouro*, e nada tiver cunhado em *Fundos correntes*, seu *tesouro* não irá custeá-lo enquanto ele viaja. *Tribulação* é *Tesouro* na natureza deste, mas não é *dinheiro corrente* para *uso*, com exceção de quando nós chegamos mais e mais próximos de nossa *casa*, o *Céu*, através dela. Outro homem pode estar doente também, e doente quase *morrendo*, e essa *aflição* pode fazer em suas *tripas*, como *ouro* em uma *Mina*, e não ser de nenhum uso para ele; mas este *sino*, que me avisa dessa *aflição*, desenterra e confere aquele *ouro* a *mim*; se, por esta consideração do perigo de outrem, eu tome a contemplação do meu próprio, e assim me proteja, ao recorrer ao meu *Deus*, que é unicamente nossa segurança.

INDICE:

Editorial.....	8
Saudação a Nossa Senhora de Fátima Gladstone Chaves de Melo.....	10
Homilia do Centenário da Aparição de Fátima D. Orani João Tempesta O. Cist.....	14
A influência da Bíblia na alfabetização das mulheres medievais Mihai Dragnea.....	22
<i>Morte mais não há e nenhum homem é uma Ilha:</i> duas traduções de John Donne Paulo Otávio Barreiros Gravina.....	31